

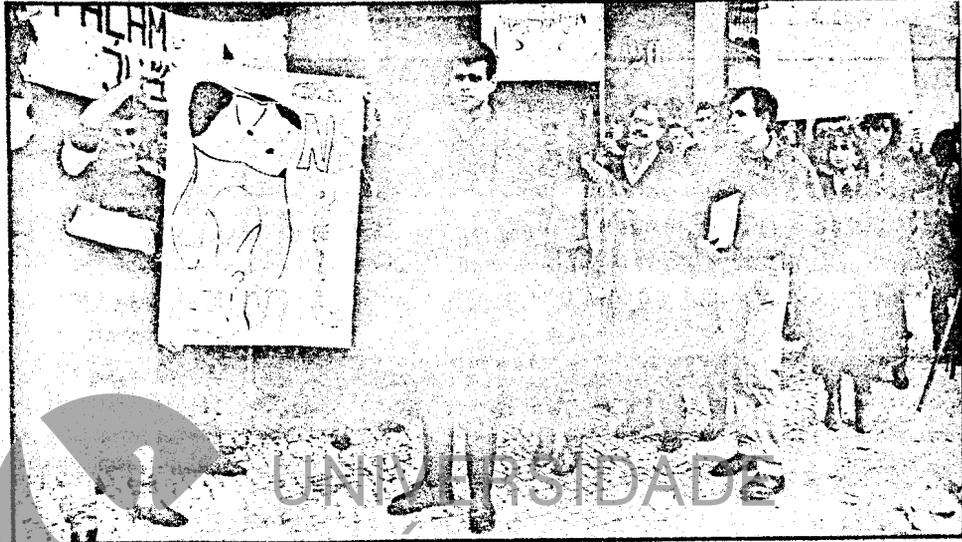
Governo não quer mais dentistas

No início deste ano, dois novos estabelecimentos de ensino superior abriram as suas portas para, um escasso mês decorrido, uma decisão do Ministério da Educação os obrigar ao encerramento. Tratam-se dos Institutos Superiores de Ciências Dentárias de Lisboa e do Porto, pertencentes à mesma cooperativa, e as razões apontadas pelo ministério prendiam-se, fundamentalmente, com alegadas deficiências nas instalações, pouca solidez no aspecto científico e inviabilidade financeira. A cooperativa, no entanto, rebate estas razões ponto por ponto, e adianta que a apreciação do ministério é feita sobre um projecto «já desactualizado».

«Apresentámos, inicialmente, um projecto que seguia com bastante rigor as normas da CEE para estes estabelecimentos de ensino mas, posteriormente, foi remetido ao ministério uma nova proposta, adaptada à realidade portuguesa, e adoptando, quase na totalidade, as disposições que regulam as Escolas de Medicina Dentária oficiais», refere-nos o prof. Manuel Júdice Halpern, presidente dos institutos. E acrescenta: «A apreciação por parte das entidades oficiais foi feita tendo apenas em conta o nosso primeiro projecto, e ignorando o segundo...»

«Já para evitar problemas, tentámos esvaziar de qualquer fonte de po-

lémica o segundo projecto: mudámos o nome de «faculdade de odontologia» para «instituto de ciências dentárias», o corpo docente, que incluía alguns especialistas estrangeiros, tornou-se integralmente português, o curso passou de cinco para seis anos, enfim, tudo se fez para que não existissem atritos, porque pensamos que não merece a pena perder tempo a discutir coisas marginais». Mas aparentemente, todas as modificações de nada serviram: em 20 de Fevereiro, com base nos pontos referidos, a ordem de encerramento tornou-se numa realidade. Trezen-



Os estudantes-cooperantes à porta do encerrado instituto de Lisboa. A palavra de ordem foi: «deixem-nos estudar»

tos alunos (todos eles cooperantes) ficaram sem aulas, com dinheiro já gasto.

No que diz respeito às razões do ministério, as deficiências nas instalações são o ponto mais

facilmente refutável: o instituto de Lisboa, por nós visitado, está «novinho em folha». Mas isto não é tudo: «Veio cá uma inspecção do ministério, que nos propôs as alterações que julgavam con-

venientes», conta Júdice Halpern. «Concordámos e realizámos todas.» Inclusive, o instituto dispõe de um sistema de luzes de emergência, que permanecem acesas durante quatro horas, em ca-

so de corte de corrente, indicando claramente as saídas. «Final de contas, um «luxo» que as faculdades oficiais não têm...»

«Quanto à viabilidade financeira, o nosso projecto é claramente viável, para além de que a responsabilidade seria sempre dos cooperantes e, em caso de falência, como é evidente, o Estado não teria qualquer compromisso. Até nos prontificámos, se necessário fosse, a preencher uma

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

O Ministério da Educação deliberou mandar encerrar dois institutos superiores, deixando 300 alunos-cooperantes sem aulas. Mas as razões que invocou, segundo a cooperativa, para além de não corresponderem à realidade, baseiam-se num projecto entretanto já substituído

«declaração nesse sentido». Refira-se que, a médio prazo, parte das receitas de cooperativa viriam de um hospital e de um serviço de urgência odontológicos. «É um pormenor curioso. Não existe nenhum serviço de urgência de medicina dentária em Portugal, nós propunhamo-nos abrir dois, em Lisboa e no Porto, e nem assim...»

Para o presidente dos institutos, a questão da credibilidade científica é a mais caricata: «Basta olhar para o nosso corpo docente. Temos 13 professores catedráticos, e mais 16 licenciados. Para além disso, assinamos um acordo com a Universidade de Lille II, de intercâmbio a todos os níveis, acordo esse, aliás, reconhecido pelo Governo francês». Os institutos possuem ainda contactos com universidades de todo o mundo,

sendo de destacar a de St. Louis, nos Estados Unidos, que ofereceu todos os direitos de autor no material audiovisual, constituído por milhares de dispositivos e centenas de vídeos.

Quem não está contente, certamente, com toda esta situação, são os alunos, que suportam em parte cooperativa e estão impedidos de ter aulas. Eles, por isso, fizeram já diversas manifestações de protesto (uma das quais à porta do seu encerrado instituto), para além de adiantarem alguns números: «Cada dentista formado pelo estado custa ao País cerca de 12 mil contos, enquanto que nós sairíamos de borla, ou seja, por nossa própria conta». Refira-se, a propósito, que Portugal tem um odontologista por cada

10 mil habitantes, quando as normas comunitárias estabelecem um ideal de um para 2 mil. E acrescente-se, também, que as escolas oficiais forma cerca de 50 dentistas por ano, enquanto que estes institutos poderiam «lançar» 200 em cada curso.

Uma comissão da cooperativa reuniu-se, entretanto, com o director-geral do Ensino Superior, concluindo-se desse encontro apenas a promessa daquele governante em nomear comissões para apreciar o problema... «e qualquer mês de espera custa-nos dinheiro», refere Júdice Halpern. Como, ao que parece, este ano lectivo está praticamente anulado, o ministério deu-se ao luxo, feitas as contas, de desperdiçar 2 milhões e meio de contos oferecidos «de bandeja» para a formação de novos médicos odontologistas...

Ens. Particular - Pol. Ática educativa - Inst. sup. de Ciências Dentárias

| |
|----|
| 1 |
| 2 |
| 3 |
| 4 |
| 5 |
| 6 |
| 7 |
| 8 |
| 9 |
| 10 |
| 11 |
| 12 |
| 13 |
| 14 |
| 15 |
| 16 |
| 17 |
| 18 |
| 19 |
| 20 |
| 21 |
| 22 |
| 23 |
| 24 |
| 25 |
| 26 |
| 27 |
| 28 |
| 29 |
| 30 |
| 31 |

| | | | | | | | | | | | |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|

